

André Luiz Carvalho Cardoso, Barbara P. Szaniecki, Daniel B. Portugal,  
Gabriel Schvarsberg, Zoy Anastassakis \*

\* André Luiz Carvalho Cardoso é Arquiteto e urbanista, professor associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI/UERJ. Foi vice-diretor da ESDI/UERJ no período entre 2018 e 2024. Coordenador do grupo de pesquisa CURA – Cultura Urbanismo Resistência Arquitetura, certificado pelo CNPQ/UERJ. Doutor e mestre em Arquitetura pelo PROARQ/UFRJ. Tem experiência na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em teoria e projeto. Atua em pesquisas, projetos, curadorias e expografias, com destaque para os seguintes temas: habitar, direito à cidade, insurgências arquitetônicas, contracolonialismo, emergências socioambientais, artes visuais e interferências urbanas.

[alcarvalho@esdi.uerj.br](mailto:alcarvalho@esdi.uerj.br)

ORCID 0000-0003-3555-476X

Barbara P. Szaniecki é Professora e pesquisadora da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ESDI/UERJ. Coordenadora do Laboratório de Design e Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Design da ESDI/UERJ. Designer formada pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs (Paris), mestre e doutora em design pela PUC-Rio, tem pós-doutorado na Plateforme, Art Design e Société do Ensad/Lab, onde pesquisou imaginários do Antropoceno. Autora de *Estética da multidão* (2007), *Disforme contemporâneo e design encarnado* (2010) e *O making da metrópole* (2021).

[bszaniecki@esdi.uerj.br](mailto:bszaniecki@esdi.uerj.br)

ORCID 0000-0001-5217-4158

# Design, Territorialidades e Antropoceno

**Resumo** O artigo apresenta a linha de pesquisa Design, Territorialidades e Antropoceno, proposta em 2024 como parte da reformulação do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A proposta da linha é congrega pesquisas que investigam o fazer design no Antropoceno, o habitar e as territorialidades, atentando para as controvérsias no âmbito do fazer, as disputas territoriais, as lutas sociais e a matriz colonial de poder, destacando a dimensão política do design. Organizado em três partes, inicialmente se delinea de que modo são trabalhadas na linha relações entre design e campos disciplinares diversos, como antropologia, filosofia, história, arquitetura, urbanismo e arte. A segunda parte defende as abordagens teórico-metodológicas situadas, trabalhadas na linha de formas especulativas, críticas, colaborativas, cartográficas ou projetuais. Na terceira parte, são apresentados exemplos de maneiras como essas perspectivas se enlaçam em distintas composições a partir dos grupos e laboratórios que compõem a linha, experimentando modos de imaginar, narrar, fabular, ficcionar e disputar caminhos para o porvir.

**Palavras Chave** Design, Territorialidades, Antropoceno, Habitar.

**Daniel B. Portugal** é Professor associado do Departamento de Integração Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Design (PPDESDI) da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ), onde coordena o Demo: laboratório de design-ficção. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, com pós-doutorado em Artes e Estudos Culturais pela Universidade de Copenhague. Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP.  
dportugal@esdi.uerj.br  
ORCID 0000-0002-2903-1893

**Gabriel Schvarsberg** é Arquiteto e urbanista, professor adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Design da ESDI/UERJ, onde coordena o grupo de pesquisa ARRUAR e o projeto de extensão Habitares Comuns. Doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, mestre em Processos Urbanos Contemporâneos pela FAU-FBA, pesquisa relações entre cidade e política, o “fazer com” no planejamento, cosmopolíticas territoriais e outras epistemologias na interface corpo, território, experiência e narrativa.  
gabrielsberg@esdi.uerj.br  
ORCID 0009-0009-4264-1512

**Zoy Anastassakis** é Professora adjunta da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro ESDI/UERJ. Diretora da ESDI nos períodos entre 2016 e 2018 e 2024 e 2028. Coordenadora do Laboratório de Design e Antropologia e dos projetos de extensão Correspondências e Cozinha das Tradições. Bacharel em Desenho Industrial pela ESDI, mestre e doutora em Antropologia pelo PPGAS, Museu Nacio-

## **Design, Territorialities and Anthropocene**

**Abstract** *The article presents the line of research Design, Territorialities, and the Anthropocene, proposed in 2024 as part of the reformulation of the Graduate Program in Design of the Design School of the State University of Rio de Janeiro. This line of research aims to gather studies investigating the practice of design in the Anthropocene, dwelling, and territorialities, focusing on controversies on making, territorial disputes, social struggles, and the colonial matrix of power, highlighting the political dimension of design. Organized into three parts, the article first outlines how the research line explores the relationships between design and various disciplinary fields such as anthropology, philosophy, history, architecture, urbanism, and art. The second part advocates for situated theoretical-methodological approaches, worked within the line through speculative, critical, collaborative, cartographic, or project-based forms. The third part presents examples of how these perspectives intertwine in different compositions within the groups and laboratories that make up the research line, experimenting with ways to imagine, narrate, fabulate, fiction, and contest paths for the future.*

**Keywords** *Design, Territorialities, Anthropocene, Dwelling.*

## **PPDESDI: Diseño, Territorialidades y Antropoceno**

**Resumen** *El artículo presenta la línea de investigación Diseño, Territorialidades y el Antropoceno, propuesta en 2024 como parte de la reformulación del Programa de Posgrado en Diseño de la Escuela Superior de Diseño Industrial de la Universidad del Estado de Río de Janeiro. La propuesta de la línea es reunir investigaciones que exploren la práctica del diseño en el Antropoceno, el habitar y las territorialidades, enfocándose en las controversias en torno al hacer, las disputas territoriales, las luchas sociales y la matriz colonial de poder, destacando la dimensión política del diseño. Organizado en tres partes, inicialmente se delinean las relaciones trabajadas en la línea entre el diseño y campos disciplinares diversos como la antropología, la filosofía, la historia, la arquitectura, el urbanismo y el arte. La segunda parte defiende los enfoques teórico-metodológicos situados, abordados en la línea de manera especulativa, crítica, colaborativa, cartográfica o proyectual. En la tercera parte, se presentan ejemplos de cómo estas perspectivas se entrelazan en distintas composiciones a partir de los grupos y laboratorios que conforman la línea, experimentando modos de imaginar, narrar, fabular, ficcionar y disputar caminos para el porvenir.*

**Palabras clave** *Diseño, Territorialidades, Antropoceno, Habitar.*

nal, UFRJ. Autora de *Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil* (2014), *Refazendo tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade* (2020) e *Everyday acts of design: learning in times of emergency* (2022).

zoy@esdi.uerj.br

ORCID 0000-0001-5453-0814

## Introdução

Este artigo tem o propósito de apresentar a linha de pesquisa *Design, Territorialidades e Antropoceno*, proposta em 2024 como parte da reformulação do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. De modo resumido, a proposta da linha é congrega pesquisas que investigam o fazer design no Antropoceno, o habitar e as territorialidades, junto a áreas como antropologia, filosofia, história, arquitetura, urbanismo e arte. Atentando para as controvérsias no âmbito do fazer, para as disputas territoriais, para as lutas sociais e para a matriz colonial de poder, a linha coloca em destaque a dimensão política do design. Nesse sentido, lança mão de abordagens teórico-metodológicas situadas, sejam elas especulativas, críticas, colaborativas, cartográficas ou projetuais. Busca-se, acima de tudo, delinear modos de imaginar, narrar, fabular, ficcionar e disputar caminhos para o porvir.

Estruturamos a apresentação em três partes: a primeira situa a linha delineando sua relação com campos disciplinares diversos; a segunda aponta as principais abordagens teórico-metodológicas que a caracterizam; a terceira oferece exemplos de temas e caminhos específicos percorridos por docentes e discentes. Antes de passar a esses tópicos, no entanto, acreditamos que será útil tecer algumas considerações sobre os três termos que definem a linha de pesquisa: design, territorialidades e Antropoceno<sup>1</sup>.

Começamos pelo último: Antropoceno. Trata-se do nome sugerido por Paul Crutzen e Eugene Stoermer para a época geológica que teria sucedido o Holoceno e na qual estaríamos vivendo — época definida pelo papel central da ação humana como força conformadora da Terra. O termo Antropoceno junta em uma mesma palavra o radical que indica o humano (antropos) e aquele usado para indicar uma época geológica na era Cenozóica (ceno). Assim, combina elementos que o pensamento moderno mantinha separados: a Natureza e a Cultura. Afinal, se o humano, com aquilo que os modernos chamam de Cultura, pode ser a principal força conformadora de um momento da história geológica — inserida naquilo que os modernos chamam de Natureza —, a separação entre os dois cai por terra; ou, melhor dizendo, por *Terra*: pois é a Terra (a *Gea* das eras geológicas) que emerge aqui em sua particularidade e mutabilidade, quando deixa de se confundir com uma Natureza única, universal e imutável. Desse modo, a separação entre Natureza e Cultura deixa de fazer sentido. Os dois termos saem de cena e abre-se espaço para termos que se refiram aos modos de instauração da realidade, sem separá-la arbitrariamente em duas dimensões distintas. O que podemos perceber, em um sentido geral, é que o Antropoceno desafia os dualismos ontológicos modernos, evidenciando sua fragilidade.

Os problemas colocados pelo conceito de territorialidade seguem um caminho semelhante. Por território costuma-se designar um espaço sob o jugo de uma entidade qualquer, seja um indivíduo, um grupo de pessoas e/ou animais, um povo, uma nação, entre outros. De modo geral, o termo indica um espaço delimitado politicamente, em oposição ao espaço pen-

sado como pano de fundo das disputas políticas — um meio ambiente, ou mesmo, para resgatar o binômio Natureza/Cultura que criticamos acima, um ambiente natural. Também essa oposição é diluída pelo Antropoceno, uma vez que, com ele, entendemos que não há meio ambiente que possa ser dissociado das atuações dos viventes. Se o humano pode ser considerado a principal força configuradora da Terra nesta época designada por Antropoceno, não deveríamos pensar que, em outros momentos, outros viventes a fizeram ser o que ela foi? A Terra não é um ambiente que serve como pano de fundo para a vida, mas é ela mesma conformada pela vida, parte da vida. Se aceitarmos expandir o conceito de política para além do humano, de modo a envolver as diversas disputas entre os viventes, perceberemos então que o ambiente é sempre também político, isto é, já territorializado por múltiplos modos de territorializar. Assim, o conceito de territorialidades busca evidenciar os processos por meio dos quais territórios são configurados e reconfigurados.

Chegamos ao termo *design*. Pelas considerações anteriores, podemos definir design para além dos dualismos ontológicos que separam natureza e artifício. Mais do que a dimensão restrita da cultura material, interessa-nos um conceito de design que leve em conta os modos como diferentes viventes habitam, fazem, praticam e constroem — o que permite também uma ampliação do escopo do design, tomando-o como verbo, tal como no inglês *to design*. Nesse sentido, fazer design implica refazer, ao mesmo tempo em que é sempre algo da ordem do provisório e do parcial. Modos de habitar junto, sempre contínuo, em movimento, e que, assim, incluiriam em sua alçada todas as atividades do viver, e, com isso, a composição da própria Terra.

Se o design moderno contribuiu para uma terraformação irresponsável, nos cabe hoje pensar e praticar designs incorporando outras espacialidades e temporalidades, que implicam trajetórias e tramas. Trajetórias nos levam a pensamentos e práticas de design que não são mais globalizantes, mas sim terrestres. Elas traçam territórios vivos. Já tramas nos levam a pensamentos e práticas de design que não se inserem necessariamente em uma história, como, também, se relacionam a mitos e memórias. Um espaço feito por trajetórias tão coletivas quanto pessoais e um tempo composto por tramas não apenas de passados, presentes e futuros, mas também de mitos, histórias e memórias, isto é, de entremeios de diferentes matrizes epistemológicas e sensibilidades com a T/terra são constituintes da linha Design, Territorialidades e Antropoceno.

## Dos atravessamentos entre campos e saberes

Trouxemos na Introdução algumas rápidas discussões em torno dos conceitos que situam a compreensão de design na linha Design, Territorialidades e Antropoceno. Contudo, tais considerações variam em função das interfaces do design com outros campos de conhecimento, entendendo que esses campos são porosos e nossa perspectiva é transdisciplinar.

A interface do design com a *filosofia* — mais especificamente, com abordagens pragmáticas na filosofia — coloca em xeque a tradicional oposição ocidental entre fazer e pensar. O pensamento passa a ser entendido como um fazer; isto é, como uma atividade que participa da produção do mundo. Mas, ao mesmo tempo, a produção do mundo encontra-se sempre enquadrada por certos modos de pensar. Isso significa: pensar é também fazer; fazer é também pensar. Não há oposição entre essas duas atividades. Vale notar que as questões relacionadas ao Antropoceno frequentemente ganham destaque quando tratamos da relação entre pensar e fazer nesses termos, uma vez que, como destacado na Introdução, entender o humano como principal força conformadora da Terra envolve situar os modos humanos de pensar como parte de uma atividade coletiva de fazer que dá forma à própria Terra.

Ao destacar essa atividade coletiva de fazer, aproximamos também o design da *antropologia*. Design, aqui, se coloca mais como verbo, ação, fazer design. Menos projeção e mais correspondência. Um conjunto de práticas que abarca todos os movimentos, para além das distinções binárias entre humano e mais que humano, cultural e natural, futuro e pretérito, vivo e não vivo. As dimensões do fazer coletivo, observadas a partir de uma perspectiva situada e engajada são endereçadas como temática sempre presente no próprio ato de pesquisar. Ganham relevância a prática, a experimentação, o ensaiar, o habitar, o viver e o participar. Emerge como mote a dimensão das trajetórias, das tramas, o caminhar de nossas ações cotidianas no mundo.

Passemos à interface com o campo de *arquitetura e urbanismo*. Nele, as emergências climáticas, sociais, políticas, territoriais, étnicas, de gênero etc. são destacadas em espacialidades que não podem ser separadas do processo de sua constituição. O próprio espaço da universidade e sua relação com o espaço ordenado por certo ideal de nação — no caso, de Brasil — precisam ser considerados. O que pensar, por exemplo, da relação entre, de um lado, uma epistemologia eurocentrada orientadora das atividades e ambientes universitários e, de outro, uma população brasileira constituída majoritariamente por pretos e pardos, cujas referências familiares fundantes são quilombos e aldeias?

As tensões evidenciadas pela questão anterior mostram também a importância de um diálogo com a *história*. Afinal, se estamos destacando os movimentos, as atividades, os processos, é porque entendemos que só aí os existentes se definem. Nada nem ninguém é uma ilha; não há ilhas no rio

da realidade. Nesse sentido, entendemos que pesquisar design requer uma atenção aos muitos elementos que participaram e participam da produção de uma coisa qualquer, quer tratemos das embalagens de uso único (mas vida longa) ou do conjunto de edifícios, calçadas, ruas, postes etc. que constitui a dimensão visível do ambiente urbano.

Arte e design são campos em atravessamentos constantes, sobretudo nos desafios interseccionais do presente. Uma geração inteira, hoje, se utiliza das ferramentas infográficas para desenvolver desenhos digitais, prints, colagens. Por exemplo, o desenvolvimento de marcas que, de modo identitário, reorganiza gênero e raça, dialoga com a pixação e o *grafitti* usados para movimentos de autodeclaração e valorização das territorialidades de uma cidade. A arte também é trazida como uma possibilidade de ampliação do campo. Poéticas, experimentações, mídias, suportes variados e convergências com a arte contemporânea que potencializam reflexões e projetos nas pesquisas em design tornaram-se recorrentes. Aqui, as fronteiras tornam-se borradas, promovendo potentes aproximações que buscam criar desidentificações aditivas e imaginações identitárias.

Em termos mais metodológicos, a abordagem transdisciplinar que defendemos aqui aponta para uma valorização da dimensão da experiência e da experimentação na pesquisa, bem como para a pluralidade dos modos de entender e realizar trabalho de campo. Buscamos estabelecer conversas e atravessamentos entre os saberes ligados aos campos mencionados e os saberes dos praticantes vinculados a territórios diversos — por exemplo: suburbanos, rururbanos, marginais, favelados, periféricos, autogestionários, cooperativistas, indígenas, agroecológicos, entre outros. Busca-se produzir, a partir desses encontros entre campos e saberes, uma (auto)crítica do fazer acadêmico — considerando as relações de poder em que se insere, e, por vezes, reproduz — e uma abertura a novas possibilidades de inserção de nossas práticas de projeto, planejamento, pesquisa, extensão e ensino diante dos desafios colocados na contemporaneidade.

## Das abordagens teórico-metodológicas

A compreensão de design que orienta a linha Design, Territorialidades e Antropoceno já aponta algumas características chave das abordagens teórico-metodológicas relevantes: não separar Natureza e Cultura, generalizar a dimensão política, ampliar o escopo do design para abarcar a Terra, pensar o espaço como resultado de disputas e associações.

A teoria ator-rede, por exemplo, recusa a ideia de um espaço preestabelecido como ponto de partida para a compreensão de um objeto. Em vez disso, propõe traçar redes nas quais a efetividade de um elemento ganha sentido pela sua conexão com outros. Isso significa dizer que nunca saímos do âmbito do conjunto de elementos projetados que projetam — ou seja, do âmbito do design. Desse modo, o conceito de design passa a se definir não por um conjunto de objetos ao qual ele se aplicaria, mas por uma aborda-

gem projetual: aquela perspectiva que busca identificar a rede de elementos heterogêneos em associação que mantém algo na existência. Esse olhar relacional amplia as fronteiras do design, atentando para as complexas redes que constituem mundo.

No caso do encontro teórico-metodológico entre design e antropologia, métodos e abordagens de ambos os campos se atualizam em novas composições. As pesquisas se fazem sempre junto a torções das abordagens projetuais por meio de práticas de correspondência, que atualizam e transformam o conjunto de ferramentas mobilizadas pelo design participativo e pelo codesign. Ao mesmo tempo, a observação participante, a etnografia, a descrição densa e o levar a sério as alteridades e os espaços de diferença não se colocam como meios de pesquisa a serviço da documentação e descrição do mundo, mas, sim, como modos de cultivo de nossas habilidades relacionais, de atenção, cuidado e resposta.

Há também abordagens que se inserem em um contexto de revisão crítica das epistemologias dominantes, particularmente no que diz respeito à dimensão da colonialidade das teorias e metodologias que historicamente estruturaram o saber acadêmico. Uma mirada contracolonial, por exemplo, nos leva a questionar para que serve um programa acadêmico em design hoje. Semear palavras e conceitos em novos caminhos no fazer e produzir pesquisas comprometidas com o mundo que habitamos; criar “zonas de contato” entre conceitos de teóricos/as e de mestres/as fundamentais que durante muito tempo foram negados nas universidades são algumas das epistemologias que podemos acessar para mudanças significativas e reparações históricas, com conceitos como: futuro ancestral, encruzilhada, globalidade, desobediência epistêmica, contracolonialismo, fabulações críticas, necropolítica, cosmopercepção, devolução da violência etc. Tais conceitos nos trazem uma pequena amostragem de outras perspectivas teóricas e metodológicas que nos apresentam possibilidades diante do desafio de pensar design, territorialidade e Antropoceno e de produzir saberes mais próximos do que somos para construção de um porvir.

A busca por outros referenciais epistemológicos procura responder também às reconfigurações do sistema-mundo dominado pelos processos de financeirização da terra e da vida, em que a feitiçaria capitalista atua para reduzir a política a alternativas infernais ao passo que produz inovações constantes das formas de exploração de humanos e não humanos para produzir mercadorias e recursos. Diante das novas geografias da urbanização extensiva que reconfiguram os sentidos e as relações com a terra no Antropoceno, é preciso ir além de categorias modernas binárias, como urbano x rural, público x privado, local x global, formal x informal, natureza x cultura, progresso x ruína, vivo x não vivo, que perdem seu potencial analítico e projetivo, desafiando os referenciais epistemológicos que orientam o pensamento crítico e a experiência sensível. Busca-se, assim, encontrar maneiras de acompanhar e descrever melhor as sempre moventes cartografias de poder e, em meio às suas tramas, as possibilidades do agir e do pensar. O design entra no jogo compreendido não como fórmula ou solução, mas como prática de experimentação de múltiplas formas de agir inseridas

nos agenciamentos que fazem mundos, buscando fortalecer lutas sociais, memórias coletivas, cosmologias extramodernas e modos de vida cooperativos e comunitários, entre outros. A prática projetual, nesse contexto, se articula com os corpos, os territórios, as experiências e as narrativas, compondo agenciamentos mais que humanos em um contínuo processo de transformação.

Trata-se de abordagem em meio à qual muitas questões podem ser endereçadas, conformando-se, assim, como modos de pesquisa que nos permitem escapar do realismo científico que apaga as incoerências e controvérsias das experiências vividas, a fim de modelar o observado como tema a ser investigado. As pesquisas se constituem, então, como contaminação. Pesquisar passa por viver, estar no mundo, junto a outras vidas e mundos. Esses modos de cultivo de nossas habilidades relacionais passam, evidentemente, pela escrita e pela imagem, mas procuram, em cada uma dessas modalidades, outras texturas. No caso da escrita: o texto acadêmico passa a ser atravessado por anotações de campo, escritas individuais ou em parceria, notas mais pessoais e subjetivas sempre que necessário. No caso da imagem: mapas, cartografias, desenhos, fotografias e vídeos, entre outros tipos de imagens, não apenas ilustram textos, mas constituem, em si, outras formas de conhecimento. Pode-se dizer que ativam conhecimentos por outros meios. Para além da relação convencional texto-imagem, em que cada qual mantém sua identidade, as pesquisas procuram produzir textos imaginados e imagens texturizadas. E essas produções não excluem os corpos dos pesquisadores entre outras materialidades do mundo. Muito pelo contrário, esse modo de pesquisar contribui para a ativação da memória para além das histórias oficiais, e do movimento para além da produção de conhecimento tão fragmentária quanto sedentária.

Essas práticas também assumem uma dimensão cartográfica, em que o design atua no acompanhamento de processos e no mapeamento de afetos, fluxos e controvérsias que constituem mundos em devir. A cartografia da ação e a ecologia das práticas encontram-se ao tentar traçar mapas que não apenas representem, mas intervenham ativamente na produção dos territórios. Perguntar então: que narrativas devemos fortalecer com nossas práticas acadêmicas? Como podemos compor, junto aos habitantes, os mapas de suas próprias territorialidades? Se consideramos que a feitiçaria capitalista prolifera pela história dos vencedores que, em termos territoriais, implica o domínio das relações patrimoniais com a terra — o latifúndio, a monocultura, o extrativismo, a especulação imobiliária —, fabricar proteções a este feitiço envolve deslocar o olhar da História para as historicidades. Busca-se então não apenas ajudar a proteger territórios como também a capacidade de contar outras histórias de paisagem, que permitam vincular desejos e subjetividades a outras relações com a terra, além da propriedade e do recurso. De tal modo envolvidas nas tramas-mundo, as pesquisas da linha Design, Territorialidades e Antropoceno buscam fertilizar possibilidades de reexistência que subvertem, escapam, abrem frestas e desafiam as temporalidades e espacialidades orientadas pelas forças do desenvolvimento, do progresso e do colonialismo.

## Exemplos de pesquisas desenvolvidas na linha

Formada atualmente por cinco professores pesquisadores, a linha conta com quatro grupos de pesquisa — o Laboratório de Design e Antropologia (LaDA), o Laboratório de Design-Ficção (DEMO), o Grupo de Pesquisa Cultura Urbanismo Resistência Arquitetura (CURA) e o Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas e Narrativas Territoriais (ARRUAR).

O Laboratório de Design e Antropologia combina perspectivas de design àquelas mais afeitas aos campos das ciências sociais, antropologia, história e artes. Neste sentido, os meios em que as pesquisas são compostas importam. Ora meios de design, ora meios das artes, ou das ciências humanas e sociais são mobilizados para a realização de pesquisas situadas, que se valem de experiências concretas e de experimentos metodológicos em que importa o que fazemos para fazer as pesquisas. O projetual é, assim, desafiado pelo etnográfico; o histórico e o documental são torcidos pelo especulativo e fabulatório; o futurista e o histórico atravessados pelo presente espesso. Em meio a essas aproximações, uma frente de pesquisa se dedica a revisões da história que especulam sobre as histórias potenciais que poderiam, também, ter sido, ou que estão por vir. Fazer com, codesigns, designs, com são, também, modalidades de fazer pesquisa recorrentes.

O LaDA surgiu muito afeito a investigações das experiências vividas na cidade e, mais especificamente, no centro da cidade, onde se situa a ESDI. Ao mesmo tempo, emergiram pesquisas que entrelaçam design e práticas junto à terra. Com origem na horta da ESDI, esse eixo de investigações se transformou em um laboratório de design voltado para o crescimento de processos que envolvam distintos atores, humanos e mais que humanos. A horta se estendeu até a Serra da Misericórdia, no Complexo da Penha, onde pesquisadores foram ao encontro do desejo de soberania alimentar da comunidade. Descobriram que se tratava tanto da produção de alimentos de qualidade como, também, da reativação das memórias e dos afetos a eles relacionados, da constituição de alianças e de arranjos diversos em prol da saúde e da sustentabilidade dos territórios. Aqui, design ganhou várias qualificações: esparramando-se, fez-se micelial; misturando-se com outros atores, fez-se simpoiético; decompondo-se, fez-se composto.

Da Serra da Misericórdia, o fazer junto à terra retornou ao campus da ESDI, primeiramente com a aproximação com parceiros indígenas, por meio do projeto de extensão Correspondências, que convida pesquisadores e ativistas indígenas a estar conosco, na escola. Mais recentemente, com a experiência da Cozinha das Tradições, reúnem-se ao LaDA mestras e mestres de comunidades e povos tradicionais, tais como indígenas, quilombolas e povos de terreiro, em mutirões de cozinha e plantio, em que as tecnologias sociais de construção, cuidado, alimentação e manejo territorial cultivadas por essas comunidades se juntam às pesquisas de designers,

arquitetos e urbanistas.

O Demo, laboratório de design-ficção, trabalha em três eixos principais, orientados pelo conceito de design-ficção: filosofia, história, futuros. O primeiro procura pensar o design a partir da filosofia e a filosofia a partir do design, suspendendo a tradicional divisão entre fazer e pensar. O segundo, a história do design em seu processo de construção, buscando entender como determinadas tradições constroem diferentes histórias do design. O terceiro aproxima-se do campo do design especulativo e da literatura, abordando diferentes maneiras de imaginar possibilidades para o futuro e de atuar em sua realização.

Embora esses três eixos ajudem a compreender as linhas gerais do trabalho do laboratório, as pesquisas desenvolvidas em seu âmbito nem sempre separam claramente os eixos. Por isso, ao pensar sobre os tipos possíveis de pesquisa, será interessante passar da divisão por eixos para uma divisão por ênfases: (1) ênfase na discussão conceitual; (2) ênfase na narrativa histórica; (3) ênfase no trabalho empírico; (4) ênfase na especulação.

Em (1), encontram-se pesquisas que procuram conceituar o design com base em autores/as, escolas ou campos de pensamento específicos. Já foram realizadas pesquisas, por exemplo, destacando os pensamentos de Richard Buchanan, Enrique Dussel, Bruno Latour, e o campo da hermenêutica filosófica. Em (2), há pesquisas que se concentram em discutir alguns elementos da história do design, como, por exemplo, a construção de William Morris como personagem histórico, os valores do trabalho manual do século XIX ao XXI, o impacto dos movimentos iluminista e romântico na história dos pensamentos em design. Em (3), reúnem-se pesquisas que, pautadas na teoria ator-rede, buscam identificar a rede de elementos heterogêneos que se associam para colocar e manter na existência uma coisa qualquer. Por exemplo: uma pesquisa sobre redes agroalimentares; outra sobre o Bope; outra sobre o cogumelo *psilocybes cubensis*; outra ainda sobre a incubadora da ESDI. Em (4), por fim, há pesquisas voltadas ao design especulativo, como aquela que busca construir cenários para futuros urbanos diante das mudanças climáticas.

As pesquisas desenvolvidas no ARRUAR exploram os *modos de fazer* como perspectiva ampliada da ideia de design, abordando o fazer território e o fazer pesquisa como práticas políticas e discursivas que se tramam nas experimentações de campo e nas expressões narrativas dedicadas ao compartilhar, contar, difundir. A rua e o chão das cidades constituem terreno privilegiado para a investigação de manifestações coletivas que reconfiguram sentidos do urbano, como em estudos sobre territorialidades de resistência a partir de festas de rua. Um exemplo é a cartografia de trajetórias de jovens que atravessam a região metropolitana em busca de lazer e sociabilidade, formando comunidades efêmeras de corpos marcados por interdições, mas cujo encontro embaralha os sentidos de centro e periferia no Rio de Janeiro. Outra pesquisa reflete sobre o fazer design em um mundo em colapso, a partir das rodas de samba cariocas, em que modos de organização e mobilização corporal amplificam subjetividades em respostas inventivas aos “fins de mundo” que sempre se impuseram aos povos periféricos e

colonizados.

Em outra trilha estão investigações que abordam as camadas temporais das experiências espaciais, seguindo a ação dos corpos nas relações de pertencimento com a terra, como em pesquisa sobre o “território usado” da Quinta da Boa Vista, onde memórias suburbanas se entrelaçam com a história colonial e imperial. Na Região Serrana, outro estudo cartografa memórias de tragédias socioambientais a partir de histórias em que protagonistas mulheres falam de cooperação e capacidade de auto-organização dos habitantes para aprender a conviver com as águas. Nessas pesquisas, o tempo do *kronos* é atravessado por tempos espiralares em que habitam as memórias do corpo, as astúcias do *kairós* e os devires do *aión*.

Além de investigar a produção de territórios, as pesquisas tomam parte nesses processos, aliando-se a praticantes, deslocando imaginários e engajando-se em disputas espaciais. Um exemplo é o projeto extensionista Habitares Comuns, que colaborou com movimentos sociais em Teresópolis na criação do Planejamento Alternativo Popular (PAPO), uma resposta à interdição do debate público pela Prefeitura e Câmara na revisão do Plano Diretor. Em uma investigação de pedagogia urbana, o PAPO organizou oficinas e campanhas para mobilizar e instrumentalizar a sociedade civil na disputa por uma cidade mais justa e democrática.

O grupo de pesquisa CURA – Cultura Urbanismo Resistência Arquitetura busca fundamentalmente tratar de questões que envolvam o campo do Design e da Arquitetura e Urbanismo, a partir das noções de Resistência e Cultura. Tem como objetivo central o desenvolvimento de estudos que contribuam como mitigadores do histórico abismo social nas cidades do agora. Não por acaso, o título está organizado para construir a sigla que nomeia o grupo dando sentido ao que os estudos e eixos propostos buscam construir: CURA. Sim, estudos que buscam recobrar a saúde das cidades, das construções e principalmente suturar as feridas abertas pela desigualdade social.

O CURA está estruturado em quatro eixos de pesquisa. Na primeira, Atravessamentos contemporâneos entre arquitetura, cidade, design e arte no limiar da cultura, o objetivo é situar a ideia de arquitetura e cidade no debate contemporâneo e de suas relações com design, arte e cultura, a partir de reflexões e confluências na ampliação do campo, participação, coautoria, lugar, práticas populares, alteridade, expografia, entre outras. Na segunda, Arquitetura, urbanismo e decolonialidade, busca-se investigar, a partir das noções de etnicidade, gênero e classe, projetos, obras e situações a partir de um existir coletivo do “eu sou porque nós somos”: favelas, quilombos, terreiros, subúrbios, periferias, quebradas, ruas, movimentos sociais, ocupações, coletivos, feiras etc. Procura-se trazer para o debate as soluções de construções e territorialidades que se desenvolvam como resistência. Sempre houve um intervalo, um abismo entre desenhar, projetar, construir e os usos da casa e da cidade com suas tradições ancestrais. O encontro entre arquitetura e sonho, arquitetura e reza, arquitetura e natureza tornou-se, cada vez mais, fundamental. Na terceira, Habitação social e direito à cidade,

busca-se construir um espaço acadêmico que auxilie, a partir de caminhos teóricos e práticos, estudos que aprofundem e atualizem as temáticas sobre habitação social e direito à cidade, a partir das noções de autoconstrução, insurgências, desigualdades sociais e urbanismo contemporâneo. A quarta linha de pesquisa, Tecnologias Comdivididas: Convergências entre Saberes Acadêmicos e Saberes Ancestrais, propõe aproximação e compartilhamento para construção de saberes orgânicos, fazer COM, para potencializar, no campo das tecnologias, iniciativas confluentes. Busca-se, assim, uma aproximação efetiva entre universidade e sociedade por meio de projetos de pesquisa, extensão, laboratórios e escritórios modelos, com iniciativas vinculadas à Lei de Assistência Técnica e Jurídica Gratuita – ATHIS.

## Considerações finais

Este artigo procurou apresentar um panorama dos tipos de problemas e das abordagens teórico-metodológicas que a linha Design, Territorialidades e Antropoceno se propõe a investigar e experimentar. Neste movimento, diferentes campos disciplinares são convidados a atravessar o campo do design, produzindo encontros, agenciamentos, alianças e correspondências, sempre de modos situados e contingentes. Também foram mostrados alguns exemplos de maneiras como essas forças se enlaçam em distintas composições, singularizando-se em temas e modos de pesquisar a partir das perspectivas de cada um dos grupos de pesquisa.

Este texto constitui um exercício de escrita coletiva por este grupo de pesquisadores, no qual se buscou traçar convergências e diferenças que apontam para a diversidade de possibilidades de pesquisas que essa linha pode abrigar. No desafio de juntar diferentes trajetórias de pesquisa para nomear e dar corpo a uma nova linha, outro exercício compositivo coletivo importante para delinear uma certa agenda de inquietações e prospecções de pesquisa, ou um posicionar-se ética, estética e politicamente diante do campo e do universo acadêmico, foi a proposição de um conjunto de disciplinas que farão parte da trilha formativa dos discentes e pesquisadores de mestrado e doutorado vinculados a essa linha no Programa.

Além da disciplina de Fundamentos em Design, Territorialidades e Antropoceno, que propõe oferecer insumos teórico-metodológicos fundamentais para a investigação das relações entre design, Antropoceno, habitar e territorialidades, aproximando o design de áreas como a antropologia, a filosofia, a arquitetura, o urbanismo e a arte, outras sete disciplinas eletivas foram pensadas para aprofundar temas que se desdobram dessas relações. Por sua capacidade de expressar essa diversidade, para finalizar este artigo, apresentamos brevemente a proposta de cada uma.

*Fazer e habitar para além do desenvolvimento* oferece reflexões e abordagens críticas às noções de progresso e desenvolvimento e seus rebatimentos sobre as práticas de design, arquitetura, urbanismo e planejamento

urbano e regional. A disciplina discute formulações e experimentações alternativas a tais paradigmas nos modos de fazer e habitar mundo(s), investigando noções como envolvimento, cooperação, autonomia, comum, “fazer com”, bem-viver, confluência, correspondência, simpoiese, cosmopolítica, entre outras.

*Antropologia e filosofia para além do humano* apresenta discussões antropológicas e filosóficas contemporâneas críticas ao paradigma humanista que informa o campo projetual, abordando entre seus principais temas a dimensão ontológica do design, o design multiespécies e a reavaliação das separações modernas entre natureza e cultura, natural e artificial, sujeito e objeto, indivíduo e ambiente, humano e animal, vivo e morto etc.

*Projeto, fabulações, futuros* propõe debater o papel da fabulação no projetar, entendido, em sentido amplo, como modos de pensar, narrar, especular, imaginar, fabular e visualizar passados, presentes e futuros. Para isso, aborda relações entre design, literatura, fato e ficção, exemplificados na ficção científica, na ficção utópica/distópica e na ficção climática, apresentando perspectivas como o design especulativo, design fiction, design baseado em cenários, fabulações especulativas.

*Território, lutas sociais e ecologia política* aborda as relações entre design e política a partir da produção e transformação dos territórios, sejam eles mais ou menos urbanos, refletindo sobre o fazer design na contemporaneidade a partir de posicionamentos críticos à produção hegemônica do espaço habitado. Discute o potencial de noções como ecologia política e florestania no contexto de alianças possíveis entre design e lutas sociais, abrindo possibilidades para urbanidades e cidadanias outras.

*Política, globalidade e contracolonialismo* apresenta debates em torno de conceitos que tensionam modelos eurocêntricos e o problema da colonialidade nos campos do design, da arquitetura e do urbanismo a partir de noções como desobediência epistêmica, política da inimizade e pacto narcísico, contracolonialismo em suas perspectivas críticas e políticas no contato com existências e resistências contra-hegemônicas.

*Imagens e imaginários da Terra/terra* discute a produção de representações, apresentações, figurações, teorias e expressões visuais e conceituais relacionadas à Terra/terra, entendida não apenas como planeta, mas sobretudo como território e habitar terrestre. Considerando diversas epistemologias e abordagens estéticas, reflete sobre as articulações entre essas visualidades e concepções em design, investigando seu papel nos efeitos antropocênicos ou, ao contrário, na geração de outros mundos.

*Perspectivas críticas em arte e arquitetura* propõe reflexões sobre limiares, fronteiras e zonas de contato entre design, arquitetura e arte, investigando as possibilidades poéticas de seus atravessamentos contemporâneos. Considerando o design e a arquitetura como ciências sociais aplicadas, procura desdobrar perspectivas críticas para ampliação desses saberes nas tramas que se formam entre cultura, sociedade, performances, imagens, símbolos, ficções especulativas, visualidades e espaços da arte diante das emergências contemporâneas.

Formada na confluência de distintas trajetórias de pesquisa e na aposta por uma abertura de possibilidades que um novo nome pode fertilizar na imaginação política das pesquisas em design, mais do que uma linha, o que aqui se rascunha como imagem mais fecunda seria um emaranhado de linhas. Linhas de devir em que designs, vidas, terras, histórias, experiências, forças, corpos, pensamentos, visualidades, poéticas, políticas, ecologias se entrelaçam em pesquisas que dizem Design, Territorialidades e Antropoceno, a cada vez sob outra forma. Pesquisas que, diante das emergências contemporâneas, colocam pesquisar e pesquisadores em jogo na produção de diferença e na transformação desejada, imaginada e disputada das múltiplas temporalidades e espacialidades que compõem os porvires da Terra/terra.

## Referências

AIT-TOUATI, F.; GRÉGOIRE, A.; ARENES, A. **Terraforma: manuel de cartographies potentielles**. Montreuil: B42, 2019.

ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

AZOULAY, A. **História potencial: desaprender o imperialismo**. São Paulo: Ubu, 2024.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The 'Anthropocene'. **Global Change Newsletter**, v. 41, 2000, p. 17-18.

SANTOS, A. Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu /Piseagrama, 2023.

BRENNER, N. **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há um mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

ESCOBAR, A. et al. **Pluriverse**. A post-development dictionary. Chennai, Índia: Tulika Books, 2009.

FOSTER, H. **O que vem depois da farsa?** Arte e crítica em tempos de debacle. São Paulo: UBU, 2021.

GATT, C.; INGOLD, T. From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time. In: **Design Anthropology Theory and Practice**. Edited by W. Gunn, T. Otto, R. C. Smith. London and New York: Bloomsbury, 2013, p. 139-158.

GLISSANT, É. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INGOLD, T. **Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KRENAK, A.; NOBRE, A. **Nave Gaia**. Cadernos Selvagem. Rio de Janeiro: Dantes, 2021.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**. São Paulo: Rio de Janeiro: Ubu: Ateliê de Humanidades, 2020.

\_\_\_\_\_. **Reassembling the Social**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MBEMBE, A. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIGNARRE, P.; STENGERS, I. **Capitalist Sorcery: breaking the spell**. London: Palgrave Macmillan, 2011.

POVINELLI, E. **Catástrofe ancestral: existências no liberalismo tardio**. São Paulo: Ubu, 2024.

RIBEIRO, A. C. T. et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. In: **Cadernos IPPUR**, Ano XV, n. 2, Ago-Dez 2001 / Ano XVI, n. 1, Jan-Jul 2002.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, C. da. **Tecnologias ancestrais de produção de infinitos**. Goiânia: Martelo Casa Editorial, 2022.

TSING, A. **O cogumelo no fim do mundo**. Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

<sup>1</sup> Por se tratar de um artigo de apresentação de uma linha de pesquisa, optamos por não inserir referências específicas ao longo do texto, a fim de tornar sua leitura mais fluida. As principais referências que fundamentam as ideias contidas no texto encontram-se indicadas nas Referências ao final do texto.

Recebido: 08 de setembro de 2024

Aprovado: 27 de novembro de 2024